

## Conceitos fundamentais da Psicanálise

### Apresentação, leitura e comentários de Seminários e Textos de Jacques Lacan

*Os Nomes-do-Pai*

e

*Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*

Paulo Medeiros

18 - 26 de outubro de 2004

*Memória e transcrição de gravação*<sup>1</sup>

*O tempo lógico*

Não houve, em nossa leitura anterior, nas nossas discussões, indicação, na página 42, a esta referência ao tempo lógico: “o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir”, no texto de Lacan sobre o assunto. Agora, no texto de nossos estudos, ele retomou um antigo artigo seu, publicado nos “Escritos”, em 1966, mas datado de meados da década de quarenta, publicado em *Les Cahiers d'Art*, chamado “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma”. Então, aí o temos, apresentado oralmente, em 1964. Eu pensei, num primeiro momento, em lê-lo aqui, mas, se formos fazer derivações para outras leituras a partir de nosso texto-base, isso pode se tornar um exercício de leituras infundável. Então, mantenhamo-nos seguindo a leitura de nosso texto-base e, sempre que houver referências a outros textos, proponho a leitura dos textos referidos nos intervalos de nossos encontros.

*Função do sonho -  
Freud/Lacan*

São inúmeras as histórias narradas no anedotário lacaniano... Bem, vocês sabem que Freud considerava como finalidade precípua dos sonhos manter o sono dos sonhantes, enquanto que Lacan considerava mais relevante o despertar do “sujeito”, do “sujeito suposto” sonhador. Lacan, ao que tudo indica, quase não dormia – Freud também dormia pouco. Então, conta-se o seguinte: este sofisma foi apresentado a Lacan como uma dessas charadas a serem decifradas, e ele ficou inculcado com essa charada que lhe foi proposta, e, como ele

---

<sup>1</sup> Paulo Medeiros  
Revisão gramatical: Dulcinea Santos

não conseguiu decifrar o jogo – trata-se de um jogo –, lá pelas tantas da noite resolveu telefonar para quem lhe havia proposto tal charada, querendo saber a solução. O resultado é o escrito publicado com esse título mencionado. Trata-se, na verdade, de sua proposição lógica para um tempo variável das sessões de análise.

Intervenção – [...]

*O tempo variável das sessões de análise* Sim, poderia obedecer à diacronia da fala do sujeito e não estritamente à cronometria do relógio. Esse tempo poderia ser um tempo maior ou menor que o previsto, criando surpresa, precipitando falas inesperadas. Lacan exercitou tal prática ao extremo permitido pela experiência analítica.

Intervenção – [...]

Ele foi, de fato, muito criticado – aliás, continua sendo – pois o tempo variável para as sessões de análise foi o argumento principal dos seus opositores, os quais sempre preferiram o conforto de um ritual obsessivo, de um tempo padrão marcado pelo relógio.

Intervenção – [...]

Sim, padrão de tempo e frequência. De qualquer modo, o importante no processo é haver – como vimos anteriormente e está dito nessa mesma página 42 – o alcance de uma escuta de “puros significantes”.

Retomando a leitura na página 42: “Muito bem, no que diz respeito ao inconsciente, Freud”...

Só para ressaltar, temos aí, na primeira frase desse parágrafo, o que podemos considerar um resumo do que seja uma análise.

Intervenção – [...]

*O sujeito na cadeia lingüística* Ah, sim, se conseguirmos apreender a chamada proposição lógica do significante, segundo Lacan, então poderemos entender a função do analista.

Intervenções – [...]

*A letra como categoria lacaniana* Sim, sujeito está aí sendo suposto a partir de um modo representável, um significante representando o sujeito para outro significante.

Intervenções – [...]

*Parlêtre*

Então, a letra seria, no caso, grafar o fonema. Há a letra nesse sentido do grafar, do desenhar o som de uma fala, e há a letra enquanto inscrição do humano, ou seja, daquilo que inscreve separando, separando da ordem da natureza, sendo a letra o natural do humano, o natural sendo cultural e não natureza.

Intervenções – [...]

*Os textos específicos da letra*

É o que designa o termo *parlêtre* formulado por Lacan, sujeito enquanto sujeito à letra, sujeito enquanto ser letral, ser de letra. E há a letra da ciência, as letras dos teoremas.

Intervenções – [...]

*A lógica significante*

Bom, nesse caso seria adequado ler pelo menos mais dois textos de Lacan. Um deles, já referido aqui, digamos ser seu texto-fundamento, fundante de sua entrada na Psicanálise, chamado “Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise”; o outro, igualmente imprescindível, é “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, ambos em “Escritos”. São os dois textos mais esclarecedores sobre “letra”.

Intervenção – [...]

*“A carta roubada”-  
Edgar A. Poe*

A lógica significante encontra-se na formulação já enunciada hoje: um significante representa o sujeito para um outro significante, formulação demonstrada – reparemos agora na letra enquanto teorema – pelo matema  $S_1 \rightarrow S_2$ , também formulado pela letra *S* com uma barra recortando-a:  $\mathcal{S}$ , designando sujeito barrado, barrado pela fala, pelo vetor de um significante a outro significante. O vetor  $\rightarrow$  do matema da lógica significante indica o lugar do sujeito,  $\mathcal{S}$ , podendo, então, ser escrito assim:  $S_1 -\mathcal{S}\rightarrow S_2$ . A lógica significante indica, portanto, a sujeição à fala, sujeito à fala, fala falada numa situação muito especial que Freud chamou transferencial, ou seja, uma fala demandante e desejante. Ao chamar esse sujeito de *parlêtre*, Lacan usou os termos *par*, *lettre* e *être*, cuja homofonia permite *parle* de *parler*. *par lettre* seria “pela letra”, ou, ainda, “por carta”; *par l'être* nos permite “ser de fala”. Para melhor compreensão disso, há a leitura de “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, e “O seminário sobre ‘A carta roubada’”, de Lacan, nos “Escritos” e no seminário sobre “O eu na teoria

de Freud e na técnica da Psicanálise”.

Escutar puros significantes é estar atento à escuta de sons, sons de palavras no que elas têm de implicação no efeito chamado sujeito.

Intervenção – [...]

*A letra como  
inscrição na carne*

Bem, há sempre o inconveniente de ser uma abordagem cinematográfica norte-americana. Inconveniente no exagero imaginário. Até os esquizofrênicos se tornam Super, como o Super-Homem, a Mulher-Maravilha e outros assim chamados heróis. Mas, pelos comentários gerais, também aqui, há um momento em que ele raspa a sua própria pele para tentar ler um teorema que estaria escrito no interior do seu corpo, de forma subcutânea, um registro a comprovar suas idéias e suas fórmulas de apreensão, de escrituração do que lhe era real. Bem, aí está um exemplo extremo, literal, do que é a letra enquanto inscrição na carne, no corpo. Não há como pensarmos o humano fora do campo dessa inscrição. É admitirmos ser o humano essa composição indissociável com o que chamamos letra, não só de sua fonografia, do desenho, do grafo da letra, mas do som, do som da fala inscrito na carne em forma de voz. Isso significa também repensarmos as formas dicotômicas, antinômicas, usadas para designar o humano duplicado, ou dividido: corpo-mente; soma-psique; matéria-espírito etc. A divisão humana é a da sexuação; sua natureza é a fala.

Intervenção – [...]

Usemos, então, uma imagem antiga, a do pergaminho ou do papiro, e outra moderna, contemporânea, a do HD, ou Disco Rígido, dos computadores como metáforas para o corpo enquanto esse lugar de inscrições.

Intervenções – [...]

Sim, a comunicação no nível dos signos. Há anos ouço esse argumento sobre deficientes físicos, mas é bom situarmos a Psicanálise no campo da fala e convenceremo-nos dos limites de sua abrangência terapêutica.

Intervenção – [...]

De fato, o sujeito está numa posição evanescente diante do som da fala.

Intervenção – [...]

*O significante no  
esquema narrativo*

Ah, sim, claro, significante tem história e faz história na fala do sujeito em análise. Uma intervenção psicanalítica funda-se no historiar ouvido. O significante apresenta-se articulado à narrativa, ainda que possa surgir de forma abrupta ou ocultar-se no enunciado comum.

Intervenção – [...]

*O analista no jogo  
dos significantes*

“Eco” no sentido de “sonar”, “sonoro”, ou seja, a intervenção do analista “ecorará”, se referente à enunciação em meio ao enunciado pelo sujeito falante. “Ecoa” entre-dois, entre dois significantes, no jogo dos significantes. Não se trata de um termo qualquer, mas de um que ecoe entre-dois, entre-dois significantes. “Puros significantes” significa dizer só ouvir significantes; os demais termos não são de nosso interesse.

Continuação da leitura na página 43.

Intervenção [...]

Sim, P. Kaufmann refere-se a Pierre Kaufmann, o organizador do Dicionário Enciclopédico de Psicanálise, editado no Brasil por Jorge Zahar Editor.

Se há algo sobre a angústia é que ela não engana e a ela não se engana; não há como ludibriar a angústia.

Intervenção [...]

*A fórmula do  
fantasma*

Lembremo-nos de que em *Les noms du père*, “Os nomes do pai”, Lacan inverte a fórmula do fantasma, escrevendo-a de modo que o objeto, objeto *a*, se dirija ao Sujeito. O objeto toma conta do sujeito. A angústia não se aplaca.

Intervenção – [...]

*A angústia*

Mas o remédio não poderia ser a escuta? Uma manifestação de angústia requer, com intensidade, uma escuta do que quer dizer.

Intervenção – [...]

É possível a alguém enganar e enganar-se com a angústia, mas à própria angústia não se engana. É a presentificação do objeto, do objeto da angústia, sem mediação, que ocorre aí; na

angústia ocorre é a invasão de algo real.

Continuação da leitura na página 43.

*A ação do termo  
“fantasma”*

Esta frase “o real suporta a fantasia, e a fantasia protege o real” refere-se à fórmula do fantasma. Uso o termo “fantasma” por considerá-lo mais adequado ao termo *fantasme* empregado por Lacan, pois podemos conjecturar sobre as diferenças entre um termo e outro, estando o termo fantasia mais próximo de nossos devaneios imaginários do que indício referente à estrutura da relação entre Sujeito e objeto. Há uma composição fantasmática estrutural na constituição do sujeito, analisada por Freud no “Homem dos lobos”, por exemplo.

Intervenção – [...]

*A letra “ao pé da  
letra” – Wespε, o  
caso freudiano*

As chamadas protofantasias, sendo que, na decomposição significativa, como lembra Lacan, refere-se à tomada da letra nesse campo fantasmático. A simbolização, no caso, advém pela “castração”, ou seja, pela supressão de uma das letras, a letra W, permitindo o destaque das letras a serem evidenciadas de modo significativo nos termos S e P, referentes ao próprio nome do sujeito. Ao enunciar o termo *Wespε* vespa...

Intervenção – [...]

Exato. Freud pede-lhe que repita o termo, chamando-lhe a atenção para as letras S e P que abreviavam o seu nome próprio. É um exemplo que pode nos servir para o que seja uma escuta de significantes. A letra W tem um peso na própria história de Freud. Estamos aí diante de um exemplo do que sejam significantes puros, o nome próprio, no caso, através das letras que o inscreve para o sujeito.

Intervenção – [...]

*A transferência*

No caso de Freud, esta letra, a letra W, pode ser evidenciada na história do próprio Freud. Essa letra atraiu a escuta de Freud para aquilo que, no analisante, também no analisante, tanto quanto para Freud, era significativa. Análise permite essa construção do que se passa entre dois sujeitos; costumava-se chamar a isso transferência e contra-transferência, mas, sendo o movimento o mesmo, basta que se designe essa relação pelo termo transferência. É dessa relação que poderá advir o inconsciente.

## Conceitos fundamentais da Psicanálise